

TÃO LONGE, TÃO PERTO: DEKASSEGUI, MÚSICA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NA TERRA DO SOL NASCENTE

*Beatriz Senoi Ilari**

Resumo: O movimento Dekassegui se tornou popularmente conhecido em 1990, quando a lei de imigração japonesa permitiu a contratação de nipo-descendentes para trabalhar legalmente em empresas japonesas. Assim que chegam ao Japão, muitos nipo-brasileiros passam por uma profunda crise de identidade, já que possuem características físicas “japonesas”, mas são, culturalmente falando, uma mistura de japonês e brasileiro. Tais conflitos, aliados às dificuldades inerentes a qualquer processo migratório, representam um desafio para a sociedade japonesa. Considerando que a música exerce um papel importante na identidade, é importante compreender seu papel na construção (e reconstrução) da identidade dos Dekasseguis. Financiado pela Fundação Japão, este estudo foi baseado em observações de campo e entrevistas realizadas com crianças e adultos na província de Aichi-Ken. Os resultados sugerem que o uso da música por dekasseguis está diretamente ligado a questões identitárias. Enquanto a música brasileira pareceu servir como forma de preservação da identidade brasileira, a música japonesa esteve presente no cotidiano dos dekasseguis somente quando foi percebida como sendo semelhante à música brasileira ou quando foi vista como forma de acesso à vida japonesa. Implicações do presente estudo para as áreas de psicologia social e relações internacionais são apresentadas ao final do texto.

Palavras-chave: identidade Dekassegui, música, imigração Brasil-Japão

Abstract: The Dekasegi movement became well known in 1990, when the Japanese immigration law allowed Japanese descendents to be hired as legal workers in Japan. As soon as they arrive in Japan, many Brazilian-Japanese experience an identity crisis, since they have Japanese features but are culturally a mixture of Japanese and Brazilian. Along with the difficulties that are inherent to migratory processes these conflicts represent a challenge for Japanese society. Given that music plays an important role in identity, it is vital to understand its role in the construction (and reconstruction) of identity of Brazilian Dekasegi. This study received financial support from the Japan Foundation, and is based on field notes and interviews held with children and adults in the Aichi-Ken province. Results suggest that the uses of music by Brazilian Dekasegi are directly linked to identity. While Brazilian music served the role of preserving a Brazilian identity, Japanese music was present in the lives of Brazilian Dekasegi only when it was perceived as similar to Brazilian music or when it was seen as an access route to Japanese life. Implications of the present study for social psychology and international relations are presented at the end of the paper.

Keywords: Dekasegi identity, music, immigration Brazil-Japan

* Doutora em música pela McGill University do Canadá. Professora Adjunta de música no Departamento de Artes/UFPR.

No ano de 2008, o Brasil comemorou o centenário da imigração japonesa. Foi exatamente em 18 de junho de 1908 que o navio japonês *Kasato Maru* atracou no porto de Santos com 781 imigrantes, dando origem a uma longa história de relações internacionais entre os dois países (NINOMIYA, 2000; SATO, 2003).

A década de 1990 foi particularmente decisiva para as relações Brasil-Japão. O Brasil vivia a ascensão e subsequente crise da *Era Collor*, e atravessava um período de grave crise econômica, apresentando uma taxa elevada de desemprego. Ao mesmo tempo, o Japão sofria uma grande crise de mão-de-obra em sua indústria por ter um índice elevado de mão-de-obra qualificada e sem interesse para o trabalho “braçal” pesado (HIGUCHI & TANNO, 2003; KAWAMURA, 2003). Foi exatamente nessa época que o país viu crescer exponencialmente o número de ofertas de empregos conhecidos por *3K'* (KITAGAWA, 1998; ROTH, 2002). Desprezados pelos japoneses, os anúncios começaram a atrair milhares de imigrantes ilegais. Com o intuito de regularizar a entrada de trabalhadores estrangeiros no país, o governo japonês aprovou um adendo à lei de imigração que permitia a contratação de nipo-descendentes até a terceira geração para as empresas japonesas (KAWAMURA, 2003). Segundo HIGUCHI & TANNO (2003), a preferência por nipo-descendentes foi tanto racial quanto etnocultural. O imenso contingente de trabalhadores nipo-brasileiros rapidamente ficou conhecido como *movimento dekassegui*, ou movimento de pessoas que trabalham longe de casa.

Breve histórico do movimento dekassegui

O movimento dekassegui é mais antigo do que se costuma pensar. Kitagawa (1998) considera quatro fases principais:

- 1964: Retorno de uma grande massa de trabalhadores de Okinawa ao Japão para trabalhar na construção do parque olímpico para os jogos de 1972;
- 1985: Supervalorização da moeda japonesa no mercado internacional, que fez com que mais de 13000 estrangeiros fossem trabalhar ilegalmente no país;
- 1987: Início das intermediações, via agências de empregos², das relações entre trabalhadores nipo-brasileiros e empresas japonesas;
- 1990: Data da alteração da lei de imigração japonesa, que permitiu a entrada de milhares de trabalhadores nipo-descendentes (sobretudo brasileiros e peruanos) no Japão.

Segundo o Governo do Japão, há hoje cerca de 360.000 nipo-brasileiros trabalhando nas fábricas do país. Por esta razão, diversos pesquisadores têm

1. *Kiken-kitsui-kitanai*, ou perigoso-pesado-sujo.

2. Também conhecidas como *brokers*.

investigado o movimento de kassegui e seu impacto sobre os indivíduos e sobre as sociedades japonesa e brasileira (CARIGNATTO, 2002; GALIMBERTI, 2002; HIGUCHI & TANNO, 2003; KAWAMURA, 2003; KITAGAWA, 1998; MIYASAKA et al, 2002; ROTH, 2002). Mais recentemente, alguns estudos têm investigado o ajuste das famílias nipo-brasileiras ao estilo de vida japonês (veja KAWAMURA, 2003; LINGER, 2001). O que a maioria desses estudos sugere é que, apesar de haver um grande número de trabalhadores brasileiros residindo atualmente no Japão, a adaptação à Terra do Sol Nascente continua sendo difícil para a maioria dos nipo-brasileiros. Isso ocorre porque, ao cruzar fronteiras, o indivíduo carrega consigo traços étnicos, lingüísticos, religiosos e culturais (KITAGAWA, 1998), que têm, por sua vez, um impacto direto sobre a identidade em pelo menos três níveis: nacional, cultural e pessoal.

Definindo identidades

Ainda que as nações sejam facilmente traçadas num mapa geográfico, o mesmo não ocorre quando o assunto é a identidade nacional ou a identidade cultural. De acordo com Murphy-Shigematsu (2004), a nacionalidade de um indivíduo não é mais que um artefato legal. Folkestad (2002) sugere que o conceito de nacionalidade é constituído a partir de um processo “de cima para baixo” e pode ser compreendido como uma espécie de elo que mantém indivíduos de diferentes origens culturais e étnicas num mesmo grupo. Já a identidade cultural advém de um processo “de baixo para cima” porque freqüentemente se baseia em manifestações que são bastante tradicionais, e, em muitos casos, mais antigas que muitos limites territoriais. Por esta razão, fica fácil compreender o porquê de muitas pessoas possuírem mais de uma identidade cultural (FOLKESTAD, 2002). E, como não poderia deixar de ser, a identidade pessoal refere-se a atributos pessoais altamente idiossincráticos como personalidade, traços físicos e intelectuais, entre outros (veja TARRANT et al, 2002).

Assim que chegam ao Japão, muitos nipo-brasileiros passam por uma profunda crise de identidade, já que possuem características físicas japonesas³, mas são, culturalmente falando, uma mistura de japonês e brasileiro (LINGER, 2001; MIYASAKA et al, 2002; ROTH, 2002). Como sugere Sato (2003, p.1), os de kassegui são “japoneses aqui, brasileiros lá”. Tal conflito leva muitos de kassegui a um questionamento profundo acerca de suas identidades nacional, cultural e pessoal. Mas como se definem a identidade japonesa e a identidade brasileira? Estas duas identidades podem mesmo coexistir?

3. Entende-se por *características físicas japonesas* todos os atributos que nos fazem reconhecer um japonês como tal (os olhos puxados, o cabelo preto e a cor da pele, entre outros).

Murphy-Shigematsu (2004) argumenta que ser japonês não é uma questão biológica nem de nacionalidade, mas sim uma questão de experiência e de conhecimento cultural. Entretanto, sua visão contradiz todo o conceito de *Nihonjinron* – uma ideologia bastante controversa que enfatiza a homogeneidade japonesa e seu caráter singular em todos os aspectos da vida (KANNO, 2000). Para muitos seguidores desta ideologia, os japoneses que não se parecem japoneses são chamados de *haafu*⁴, muito embora tal descrição pouco tenha a ver com suas identidades (MURPHY-SHIGEMATSU, 2004). A definição de uma identidade japonesa é ainda mais difícil quando se consideram os indivíduos que têm ascendência japonesa, mas não possuem nacionalidade ou qualquer vivência cultural semelhante àquela dos japoneses que habitam o Japão (como é caso dos nipo-brasileiros). Em outras palavras, apesar de sua aparência monolítica, a identidade japonesa é muito mais multifacetada do que se costuma pensar (MURPHY-SHIGEMATSU, 2004).

A tarefa se torna ainda mais árdua quando o assunto é a identidade brasileira. A história do Brasil contribuiu para criar um país mestiço, com grandes variações culturais e muitos contrastes (RIBEIRO, 1972/1994). Muitos antropólogos e historiadores têm escrito sobre o temperamento e a identidade dos brasileiros. Buarque de Holanda (1995), por exemplo, descreve o brasileiro como sendo cordial; alguém que gosta de agradar a todo custo, e que não mede esforços para fazê-lo. Já DaMatta (2001) fala sobre o caráter “malandro” dos brasileiros, que podem ser relapsos e preguiçosos no trabalho, apesar de serem ótimos amigos. É interessante notar que os nipo-brasileiros nem sempre combinam com as definições supracitadas. No Brasil, são freqüentemente vistos como um grupo diferenciado de brasileiros, com identidades e manifestações culturais próprias, inclusive preferências e práticas musicais.

Sobre música e identidade

Na vida cotidiana, a música é freqüentemente usada para construir e expressar identidade (HARGREAVES et al, 2002). Preferências e gostos musicais servem para ilustrar valores pessoais e de grupos, atitudes e estratificação social (ILARI, 2006), e para indicar questões referentes à identidade em seus três níveis principais. Isso ocorre porque os gêneros e estilos musicais são passíveis de associações estereotípicas que, por sua vez, afetam a identidade em muitos níveis (RENTFROW & GOSLIN, 2007). Hammarlund (1990 apud FOLKESTAD, 2002) sugere que há muitas funções para a música que faz menção à nacionalidade, e que elas dependem de contextos sócio-culturais e circunstâncias particulares, bem como das identidades étnicas e culturais dos indivíduos que participam de diferentes práticas musicais. Ou seja,

4. *Haafu* vem do inglês *half*.

a relação entre música e identidade nacional é bem mais complicada do que se costuma pensar.

Segundo Hargreaves et al (2002), é necessário fazer uma distinção entre identidade em música (ou identidade musical) e música na identidade. O presente estudo concentrou-se nessa última, isto é, nos possíveis efeitos da música sobre a identidade. Especificamente, este estudo investigou o papel da música no processo de construção (e reconstrução) da identidade – nacional, cultural e pessoal – em crianças e adultos de kassegui, residentes na província de Aichi-Ken, Japão.

Discursos de kassegui: Coletando dados no Japão

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e não-estruturadas, gravações em áudio e observações e anotações de campo em comunidades de kassegui nas cidades de Kariya-Shi e Homi-Danchi. Entre os entrevistados estavam 11 crianças em idade escolar e sete adultos, a maioria residente no Japão por mais de uma década. Apenas quatro das sete crianças eram nascidas no Japão. Os demais entrevistados (crianças e adultos) eram todos nascidos no Brasil e residiam em cidades de São Paulo, Paraná, Alagoas e Mato Grosso antes da mudança para o Japão. Todas as crianças cursavam normalmente a escola e falavam japonês. Diferentemente, apenas três adultos declararam ser completamente fluentes em japonês. Com exceção de uma senhora que era professora de língua japonesa para estrangeiros, todos os adultos trabalhavam como de kassegui, atuando em linhas de montagem de automóveis, fábricas de obentô e na construção civil.

A maioria das entrevistas ocorreu na residência dos participantes, durante um churrasco da comunidade nipo-brasileira de Aichi-Ken, e, no caso das crianças, em uma escola. Durante a entrevista, cada participante foi convidado a falar sobre sua vida antes e depois da chegada ao Japão, sua ocupação atual (e anterior, quando era o caso), seus conhecimentos musicais, suas habilidades com o idioma japonês, suas impressões de ambos os países e a expressão de sua identidade brasileira no Japão. O entrevistado também foi convidado a gravar uma canção de sua preferência, em português ou japonês.

As questões centrais que nortearam o presente estudo foram:

- Qual o papel da música na construção da identidade em crianças e adultos de kassegui residentes no Japão?
- Quais os repertórios que as crianças e adultos de kassegui selecionam para ouvir no dia-a-dia?
- Há alguma relação entre o repertório escolhido pelos de kassegui e o processo de adaptação ao Japão?
- De que maneira a fluência no idioma japonês influencia os comportamentos musicais dos de kassegui?

Os dados das entrevistas foram transcritos e analisados, através da categorização e ordenação de temas recorrentes (vide VAN MANEN, 1990). As anotações e fotografias tomadas no Japão e as fitas de DAT contendo as gravações das canções também foram usadas para enriquecer e validar os dados obtidos através das entrevistas.

Japonês aqui, brasileiro lá: Mudança, adaptação e identidade

Como é comum em histórias de imigrantes, a maioria dos entrevistados imigrou para o Japão por motivos financeiros, isto é, com o intuito de ganhar muito dinheiro para garantir um futuro melhor no Brasil. Apesar de a maioria dos adultos de kasseguis estar no Japão por mais de uma década, todos expressaram o desejo de retornar ao Brasil “algum dia”. Embora alguns entrevistados tenham feito referências a incertezas quanto ao futuro, nenhum de kassegui falou em imigrar permanentemente, e muitos falaram no desejo de serem enterrados no Brasil — talvez como uma última tentativa de preservação da *brasilianidade*. Conforme sugeriu Murphy-Shigematsu (2004), a combinação entre cidadania estrangeira e residência permanente é algo pragmático; muitas pessoas que ficam longe de seus países por muito tempo compreendem o processo de naturalização ou imigração permanente como uma ameaça à sua identidade nacional. Aparentemente, foi o que ocorreu aqui.

Assim como em outras pesquisas (LINGER, 2001), as crianças entrevistadas para o presente estudo também tinham opiniões favoráveis acerca de um possível retorno ao Brasil. Somente aquelas que tinham nascido ou emigrado para o Japão antes dos cinco anos de idade e eram completamente fluentes em japonês expressaram o desejo de permanecer no país. Esse dado confirma que o conhecimento de uma língua continua sendo uma espécie de “passaporte” para uma nova cultura e, possivelmente, para uma nova identidade. Vale notar que todos os adolescentes e adultos de kassegui contaram histórias pessoais acerca de suas dificuldades de adaptação ao Japão e salientaram que a falta de fluência no idioma japonês tornava tudo ainda mais difícil.

Muitas crianças e adultos falaram a respeito da dificuldade de estabelecer relações cordiais no Japão, não apenas com os japoneses, mas, sobretudo, com seus compatriotas (vide MEIHY, 2004). Segundo Abbey (2002), a identidade do imigrante está freqüentemente situada num cruzamento de culturas, o que gera ambigüidades tanto em relação à cultura do “novo país” quanto à cultura de origem. Em sua dissertação, Sato (2003, p. 64) registrou uma fala muito presente no discurso dos de kasseguis entrevistados para o presente estudo:

A primeira coisa que a gente aprende aqui no Japão é que somos brasileiros. .

A segunda é odiar todo e qualquer brasileiro que vive aqui.

De acordo com alguns entrevistados, a maioria dos brasileiros “muda completamente” de identidade depois que chega ao Japão. Segundo eles, talvez isso ocorra por conta do isolamento, das dificuldades pessoais ou da aspereza da vida num país estrangeiro. Entretanto, a explicação pode estar mais relacionada com a noção de “homem cordial” proposta por Buarque de Holanda (1995), já que nem sempre é fácil ou possível ser cordial em momentos difíceis. Enquanto no Brasil o *dekassegui* pode relaxar no trabalho ou em casa, no Japão isso não é possível, pois lá não há familiares ou amigos que possam ampará-lo em momentos difíceis, o que o torna possivelmente mais retraído e competitivo, e possivelmente menos relaxado e confiável. O famoso “jeitinho brasileiro” discutido por DaMatta (2001) parece não encontrar muitos espaços no âmbito da vida cotidiana no Japão.

Negociando identidades e gêneros musicais: sertanejo, *enka* e *axé*

No entanto, um aspecto do *jeitinho* brasileiro parece se manter quase intacto no Japão: o *jeitinho* musical. A música foi citada, tanto pelas crianças quanto pelos adultos, como forma de conforto e pertencimento durante o interminável período de adaptação à Terra do Sol Nascente. Isso ficou especialmente evidente nos discursos dos adultos, conforme as palavras de uma das entrevistadas:

Assim que eu cheguei no Japão, eu decidi que iria ouvir muita música japonesa – para ver se eu conseguiria aprender o japonês e conhecer a música daqui, para curtir com meus “futuros amigos” japoneses. Mas depois de um tempo, eu desisti. Era muito difícil cantar numa língua que eu não compreendia e, além disso, eu comecei a ter saudade de tudo e de todos do Brasil. Foi aí que eu comecei a assistir ao canal brasileiro [TV a cabo], a ouvir rádio brasileira na internet e a me enturmar somente com brasileiros. Eu disse para mim mesma: — “Por que eu deveria tentar cantar uma canção japonesa? Nunca os meus colegas de trabalho [japoneses] vão me convidar para uma festa mesmo!”.

Todos os entrevistados disseram cantar ou ouvir música brasileira como forma de permanecer “mais perto” do Brasil, e para manter suas identidades brasileiras – individualmente ou em grupos. De acordo com eles, a música brasileira sempre acompanha festas e churrascos da comunidade, bem como momentos de descanso e lazer em casa. Muitos gêneros musicais foram mencionados, porém o gênero sertanejo despontou como o favorito dos entrevistados. Nos grandes centros urbanos do Sudeste e Sul do Brasil, o sertanejo é freqüentemente associado a pessoas de origem humilde que migraram do campo para a cidade. A música sertaneja também está bastante associada a um estereótipo: pessoas sentimentais (ILARI, 2006; RENTFROW, GOSLIN, 2007). Considerando que grande parte dos entrevistados provinha de

grandes centros urbanos do Sudeste e Sul do Brasil, a preferência pelo gênero sertanejo pode oferecer pistas acerca dos estados psicológicos e, possivelmente, das condições socioeconômicas dos participantes. Segundo Higuchi e Tanno (2003), o perfil socioeconômico dos dekassegui vem mudando consideravelmente nas últimas décadas, com um contingente maior de pessoas de classes mais pobres buscando por trabalho no Japão.

É interessante notar que a maioria dos adultos que citou o gênero sertanejo como sendo o seu favorito falou também de sua preferência por *Enka*⁵, argumentando serem gêneros “praticamente idênticos”. Como disse um dos entrevistados:

Antes de vir para o Japão eu detestava *Enka* porque eu achava muito cafona. Eu detestava quando eu ia aos *Matsuris* [festivais japoneses] na comunidade *nikkei*⁶ e todo mundo ficava cantando. Eu achava meio ridículo. Como sou um grande fã do Amado Batista e do Zezé de Camargo e Luciano, trouxe todos os meus CDs deles comigo, e costumava ouvir o tempo todo. Depois que eu aprendi algumas palavras em japonês e comecei a ir a karaokês com meus colegas da construção, eu comecei a perceber que *Enka* é muito parecido com sertanejo. Então eu escuto de vez em quando. Eu ainda prefiro o sertanejo do Brasil, mas *Enka* também é legal! É sertanejo-japonês!

Além de sertanejo e *enka*, outros gêneros musicais foram citados pelos entrevistados. Porém, muitos deles encontravam-se defasados em relação às “paradas de sucesso” da atualidade. Por exemplo, axé foi um gênero altamente citado pelos participantes, e Daniela Mercury como sendo sua principal representante; nenhum participante citou nomes de artistas da atualidade, como, por exemplo, Ivete Sangalo. É pouco provável que tal fato esteja relacionado ao acesso aos recursos midiáticos, já que todos os entrevistados possuíam TV brasileira (canal a cabo com a programação atual da Rede Globo) e computador com internet. Pode-se pensar no trabalho excessivo de grande parte dos entrevistados, que passam muito tempo no interior de fábricas ou na construção civil e têm pouco tempo livre ou interesse para explorar novos gêneros musicais. Contudo, a explicação mais plausível pode residir no “deslocamento temporal”, que acompanha o cotidiano de muitos imigrantes. A idéia de deslocamento temporal tem respaldo em estudos que sugerem uma mudança gradativa na percepção que os imigrantes têm de suas culturas e países de origem (vide BAR-YOSEF, 1968; HOLLERAN, 2003; RUMBAUT, 1997). Muitas vezes, as percepções que o imigrante

5. *Enka* é uma balada sentimental japonesa, muito popular no Japão e no Brasil, inclusive em versões *cover*. Segundo Yano (2005), uma característica do gênero é a constante repetição de motivos melódicos.

6. Nipo-brasileira.

passa a ter de sua terra natal tornam-se dicotômicas (idílicas ou detestáveis). Para se sentirem “em casa”, alguns entrevistados descreveram a necessidade de reviver – de alguma maneira – situações e eventos passados, inclusive de natureza musical. Para eles, ouvir canções do passado era, muitas vezes, uma maneira de voltar no tempo; uma forma de manter suas “identidades antigas”. A música pareceu prover ou até mesmo facilitar o surgimento de uma zona de conforto, na qual os dekasseguis podiam ser “quem de fato eram” – sem restrições.

Em busca de uma identidade musical brasileira: música nacional e estereótipos

Muitos dekasseguis que tinham algum envolvimento na comunidade japonesa também descreveram usos diversos da música, que variavam de acordo com seus acompanhantes. Entre brasileiros, eles se sentiam livres para explorar seus estilos favoritos. Entretanto, na presença de colegas japoneses, alguns relataram uma preferência por estilos que fossem mais estereotípicos, como o samba, a bossa-nova, o axé e outros ritmos/canções sugestivos de movimentos corporais sensuais (como no caso da canção “Na boquinha da garrafa” do grupo *É o tchan*). Este resultado está em consonância com a idéia de duas funções para a música nacional em território estrangeiro: emblemática e catalítica (vide HAMMARLUND, 1990 apud FOLKESTAD, 2002). Enquanto a função emblemática da música está direcionada para fora, isto é, para imprimir idéias (e estereótipos) nacionais para aqueles que não pertencem àquela cultura, a função catalítica da música serve para produzir uma sensação de pertencimento de um indivíduo ou grupo de indivíduos a uma nação. Ambas as funções apareceram no contexto da presente pesquisa, mas foi principalmente quando a música pareceu exercer uma função emblemática que emergiram diversos estereótipos do Brasil e dos brasileiros. A criação e o reforço de tais estereótipos parecem seguir um modelo de causalidade circular ou retroalimentação (SOARES & PEREIRA, 2005), conforme sugere a figura 1 abaixo.

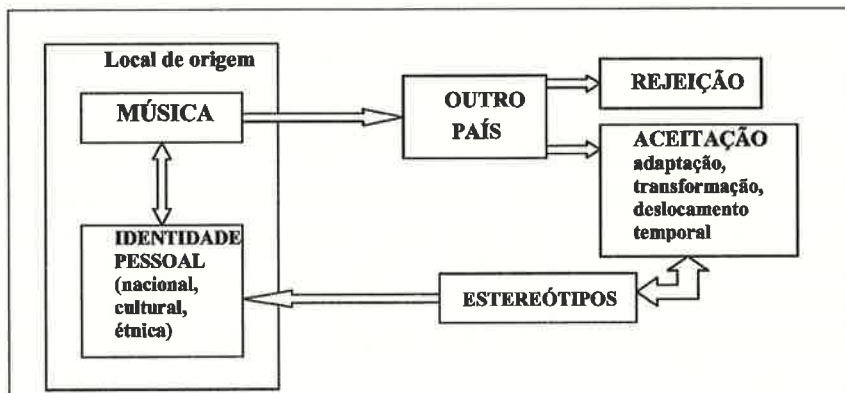


Figura 1: Modelo de causalidade circular dos estereótipos de música nacional

Ainda em relação à música e à identidade nacional, foi interessante notar que todos os adultos optaram por cantar em português. Somente uma criança se recusou a cantar; todas as demais cantaram em português e a maioria também cantou uma canção em japonês. A análise do repertório documentado revelou algumas surpresas. Com relação à música japonesa, as crianças que se definiram como sendo completamente bilíngües cantaram canções e vinhetas de abertura de *animés*⁷; as demais cantaram somente canções aprendidas na escola. Novamente, há aqui um indício da importância do idioma no acesso à música (e, portanto, à cultura), com as crianças bilíngües encontrando-se mais aculturadas aos bens culturais comuns à infância japonesa da atualidade. Também vale notar que, ao registrar uma canção em português, vários adultos e crianças cantaram canções patrióticas de épocas remotas, como *Eu te amo meu Brasil* e *Este é um país que vai pra frente*, que remontam ao governo militar (1964-1984). Meihy (2004) encontrou resultados semelhantes em sua pesquisa sobre os brasileiros residentes em Nova Iorque. Tais escolhas podem estar diretamente relacionadas ao ambiente musical em casa, já que as crianças não eram nascidas na época em que estas canções eram populares – e, em alguns casos, nem os seus pais. É bem provável que as crianças tenham aprendido tais canções com seus pais e parentes próximos que, possivelmente, usavam a música como forma de “apaziguar” a saudade – e mantê-las mais próximas do Brasil, ou como forma de imprimir idéias e sentimentos nacionais nas identidades de seus filhos.

Comentários finais

De maneira geral, o presente estudo sugere que a música exerce um papel importante na manutenção da identidade brasileira dos dekasseguis residentes no Japão. Além de criar uma zona de conforto, a música constitui uma importante forma de expressão, através da qual o dekassegui expressa sua *brasilianidade*. Entretanto, foi interessante notar que, enquanto a música brasileira serviu para preservar a identidade brasileira do dekassegui, a música japonesa só pareceu ser incorporada à rotina por aqueles que a concebiam como rota de acesso à vida e à cultura japonesas (DeFERRANTI, 2002).

Para muitos dekasseguis, a incorporação da música japonesa aos hábitos musicais cotidianos parece representar um passo na direção da adaptação ao Japão. Esses indivíduos geralmente apresentam expectativas e pensamentos mais positivos em relação ao Japão que seus compatriotas, e vislumbram a possibilidade de se tornar membros da comunidade local, o que, de acordo com Chavez (1994), exerce uma influência enorme sobre o sucesso na adaptação e conseqüente fixação no país. Porém, apesar da descendência japonesa, a maioria dos dekasseguis ainda passa por um grande choque cultural quando chega ao Japão (LINGER, 2001). Talvez por falta

7. *Animé* é um tipo de desenho animado japonês, muito apreciado pelas crianças japonesas.

de informações atualizadas, alguns viajam para o país esperando encontrar a terra que seus ancestrais deixaram para trás – um Japão rural e estereotipado (e com alguns aparatos tecnológicos) –, carregando uma imagem que muitas vezes tem mais a ver com a nostalgia de seus parentes do que com o país em si. Outros esperam encontrar no Japão uma vida idílica, tanto em termos da tranqüilidade cotidiana quanto em termos econômicos. No entanto, o Japão “ideal” é rapidamente substituído por um Japão “real”. Esse choque, que é ao mesmo tempo um choque de expectativas e um choque cultural, resulta em um deslocamento temporal que, por sua vez, exerce um impacto direto sobre a identidade em seus diversos níveis.

O presente estudo reforça a idéia de que a questão identitária é latente no caso dos dekasseguis. Como ficou dito, os dekasseguis são “japoneses aqui e brasileiros lá”. Lidar com esta “mudança” de identidade é uma tarefa difícil, sobretudo porque ela implica o reconhecimento do fato de que os nipo-brasileiros são freqüentemente considerados como um grupo à parte, que se encontra numa intersecção identitária entre o brasileiro e o japonês. Como não poderia deixar de ser, isso se reflete também na indústria cultural, já que há muitos ídolos de kassegui, como Joe Hirata, que permanecem pouco conhecidos dos brasileiros e dos japoneses, mas que são idolatrados pela comunidade *nikkei*, aqui e lá.

Como sugere Kitagawa (1998), embora o conceito de fronteira/borda esteja se diluindo a cada dia, as bordas étnicas e culturais que existem entre os indivíduos não desaparecem assim tão facilmente. Por ser tão importante na vida diária, o conhecimento da língua é certamente um passaporte para a adaptação do indivíduo e constante construção e reconstrução de sua identidade em um novo país, já que é através da língua que muitas trocas simbólicas vão ocorrer. Além disso, em tempos de globalização e de constantes migrações humanas, o estudo da identidade em seus três níveis é demasiado importante, sobretudo se considerarmos suas implicações para as questões de imigração e cidadania. Castles (2004) nos provoca sugerindo uma re-conceituação do termo cidadania. Segundo ele, isso só é possível se estendermos nossos pensamentos para além da idéia de multiculturalismo⁸, chegando ao transnacionalismo⁹, que introduz uma ênfase na ação humana, vindo a “permitir”, inclusive, a coexistência de múltiplas identidades em um único indivíduo. Obviamente, a compreensão do mundo por um viés transnacional tem um impacto direto sobre os conceitos de naturalização e cidadania.

Por ser uma arte bastante democrática, a música pode servir para fomentar o pensamento transnacional e, possivelmente, ajudar os dekasseguis (e muitos outros migrantes e imigrantes pelo mundo afora) no infundável processo de negociação, construção e reconstrução de suas identidades.

8. Multiculturalismo – a idéia de que nações ou estados homogêneos e monoculturais não existem.

9. Transnacionalismo – a idéia de que as diferenças só podem ser compreendidas se ultrapassarmos as barreiras territoriais ou de nação.

Agradecimentos

O presente estudo faz parte de um projeto de pesquisa intitulado *Documenting songs and chants of Japanese and Japanese-Brazilian children*, financiado pelo “Japan Foundation Fellowship 2005” da *Japan Foundation*. Sou grata à Dra. Yoko Minami (Universidade Kinjo-Gakuin de Nagoya), a Kimi Kodama (Escola Elementar de Homi-Danchi), a Emi Antunes (Kariya-Shi) e a Luciana Kimie Eguti (Birdo Studio, SP) pelo auxílio durante a coleta de dados. Agradeço ainda ao Prof. David J. Hargreaves (Universidade de Roehampton, Inglaterra) por seus inúmeros comentários a uma versão preliminar deste trabalho. Este artigo é dedicado a minha *obatchan* Kayo Senoi.

Referências Bibliográficas

- ABBEY, E. Ventriloquism: the central role of an immigrant’s own group members in negotiating ambiguity in identity. *Culture & Psychology*, v.8, n.4, 2002, p. 409-415.
- BAR-YOSEF, R.W. Desocialization and resocialization: the adjustment process of immigrants. *International Migration Review*, v. 2, n. 3, 1968, p. 27-45.
- BUARQUE DE HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1936.
- CARIGNATTO, T.T. *Passagem para o desconhecido: um estudo psicanalítico sobre migrações entre Brasil e Japão*. São Paulo: Via Lettera/Fapesp, 2002.
- CASTLES, S. Migration. Citizenship and education. In: J.A. Banks (org.). *Diversity and citizenship education*. London: Jossey-Bass, 2004, p. 17-48.
- CHAVEZ, L. The power of the imagined community: the settlement of undocumented Mexicans and Central-Americans in the United States. *American Anthropologist*, v. 96, n. 1, p. 52-73, 1994.
- DaMATTA, R. *Conta de mentiroso: sete ensaios de antropologia brasileira*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- DaMATTA, R. *O que faz o Brasil Brasil?* Rio de Janeiro: Record, 2001.
- DE FERRANTI, H. “Japanese music” can be popular. *Popular Music*, v. 21, n. 2, 2002, p. 195-208.

FOLKESTAD, G. National identity and music. In: MACDONALD, R.; HARGREAVES, D. J.; MIELL, D. (org.). *Musical identities*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 151-162.

GALLIMBERTI, P. *O caminho que o Dekassegui sonhou: Cultura e subjetividade no movimento Dekassegui*. São Paulo: PUC-SP, 2002.

HARGREAVES, D. J.; MIELL, D.; MACDONALD, R. A. R. What are musical identities, and why are they important? In: *Musical identities*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 1-20.

HIGUCHI, N.; TANNO, K. What's driving Brazil-Japan migration? The making and remaking of a Brazilian niche in Japan. *International Journal of Japanese Sociology*, v.12, n.1, 2003, p. 33-47.

HOLLERAN, L.K. Mexican American Youth of the Southwest Borderlands: Perceptions of Ethnicity, Acculturation, and Race. *Hispanic Journal of Behavioral Sciences*, v. 25, n. 3, 2003, p. 352-369.

ILARI, B. Música, comportamento social e relações interpessoais. *Psicologia em Estudo*, v. 11, n. 1, 2006, p. 191-198.

KANNO, Y. Bilingualism and identity: The stories of Japanese returnees. *International Journal of Bilingual Education and Bilingualism*, v. 3, n. 1, 2000, p. 1-18.

KAWAMURA, L. *Para onde vão os brasileiros?* Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

KITAGAWA, T. A sociologia do Dekassegui – Estudos sociológicos da imigração japonesa. *Estudos Japoneses*, v. 18, 1998, p. 9-22.

LINGER, D.T. *No one home: Brazilian selves remade in Japan*. Stanford: Stanford University Press, 2001.

MEIHY, J.C.S.B. *Brasil fora de si: experiências de brasileiros em Nova York*. São Paulo: Parábola, 2004.

MIYASAKA, L.S., OTSUKA, K., TSUJI, K., ATALLAH, A.N., KUNIHIRO, J., NAKAMURA, Y., KATO, S., ABE, Y., KAMADA, Y. Mental health in two communities of Japanese-Brazilians: a comparative study in Japan and in Brazil. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, v.56, n.1, 2002, p. 55-64. MURPHY-SHIGEMATSU, S. Ethnic diversity and citizenship education in Japan. In: BANKS, J. A. (org.). *Diversity and citizenship education*. London: Jossey-Bass, 2004, p. 303-332.

NINOMIYA, M. A imigração japonesa: passado, presente e futuro. In: REIS, P. (org.). *República das etnias*. Rio de Janeiro: Gryphus – Museu da República, 2000, p. 25-40.

- RENTFROW, P., GOSLIN, S. The content and validity of genre-stereotypes among college students. *Psychology of Music*, v. 35(2), p.306-326, 2007.
- RIBEIRO, D. *O povo brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1972/1994.
- ROTH, D.T. *Brokered homeland: Japanese Brazilian migrants in Japan*. Ithaca: Cornell University Press, 2002.
- RUMBAUT, R. G. Assimilation and its discontents: between rethoric and reality. *International Migrations Review*, v. 31, n. 4, 1997, p. 923-960.
- SATO, M. *Japoneses aqui, brasileiros lá? – Uma leitura sobre (e dos) Dekasseguis*. Dissertação (Mestrado) Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2003.
- SOARES, H. L. R.; PEREIRA, E. H. P. Os modelos de causalidade circular ou dos sistemas feedback na compreensão do vivo. *Revista do Departamento de Psicologia da UFF*, v.17, n.1, 2005, p.167-168.
- TARRANT, M.; NORTH, A; HARGREAVES, D. J. Youth identity and music. In: *Musical identities*. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 134-150.
- VAN MANEN, M. *Researching lived experience: human science for an action sensitive pedagogy*. London, Ontario: State University of New York Press, 1990.
- YANO, C. R. Covering disclosures: practice of intimacy, hierarchy and authenticity in a Japanese popular music genre. *Popular Music & Society*, v. 28, n. 2, 2005, p. 193-205.